possíveis geadas no Sul do país.

Tendo em vista todos esses fatos, não surpreende que em meados do último mês de maio o preço médio recebido pelo produtor paranaense do grão estivesse próximo de R$8,00/60kg. Trata-se de valor 22% acima do preço mínimo e 12% maior do que o preço de mercado de um ano antes.

Resta saber qual será o reflexo desse aumento no custo do seu insumo mais importante sobre a indústria de carnes avícola e de suínos ao longo do segundo semestre. A subida dos preços do milho pode atropelar seus planos de crescimento para o período, diante do arrocho imposto à massa salarial do país.

E-mail: *irene@fgv.br*

CAFÉ

Popularidade comprovada

Dentre os países produtores de café, o Brasil é o país que detém o maior consumo interno no mundo

ROGÉRIO FERREIRA DE SOUZA

No ano passado a Associação Brasileira da Indústria de Café (Abic) concluiu estudo sobre o consumo interno de café no Brasil. O estudo foi o desdobramento de pesquisa divulgada em abril do mesmo ano sobre as características da indústria de café torrado e/ou moído. A publicação do trabalho se deu em outubro.

O estudo demonstra como evoluiu o consumo interno. As mudanças do perfil do consumidor brasileiro e do setor industrial serviram de base a uma análise das tendências de comportamento do consumo para os próximos anos, o que para os empresários do setor é uma importante ferramenta que lhes permite se antecipar aos movimentos mercadológicos determinantes do desempenho de sua indústria.

A base do estudo foram dados referentes aos anos que vão de 1965 até 1998, com projeção para o ano 2000, divididos em alguns tópicos:

- evolução do consumo interno *per capita* e suas causas;
- situação atual do consumo interno;
- distribuição geográfica e características do setor industrial;
- processo de concentração na indústria do café;
- industrialização e consumo – regional e estadual;
- potencial de aumento de consumo;
- tendências do consumidor brasileiro para o café;
- as metas do consumo interno.

Recuperação lenta

O documento aponta queda no consumo interno a partir de 1975 e o início de uma recuperação lenta, mas consistente, em 1989, que coincidiu com o início do Programa de Auto-Regulamentação da Indústria com o Selo de Pureza Abic e com o reconhecimento por parte do consumidor do trabalho de melhoria da qualidade do café de consumo doméstico.

Os fatores responsáveis pela queda do consumo interno foram acima de tudo a excessiva intervenção governamental; a queda da qualidade da matéria-prima produzida; a produção desordenada sem destaque para a produtividade e a melhoria de qualidade; a pouca qualidade do produto industrializado oferecido ao consumidor e a ausência total de *marketing* do produto.

Maior consumo

Ficou comprovada a importância do mercado interno para a agroindústria do café. O Brasil tem o segundo maior volume total de sacas do mundo e o maior consumo interno entre os países produtores de café.

Quanto às preferências do consumidor brasileiro, o café torrado e/ou moído é de longe o mais pedido, com mais de 95% do consumo total, atingindo cerca de 11,4 milhões

Brasil: distribuição regional de empresas produtoras de café

Base: maio de 1998.

Regiões e estados	*Nº de empresas*	*Nº de marcas*
Centro-Oeste		
Distrito Federal	7	10
Goiás	69	100
Mato Grosso	24	28
Mato Grosso do Sul	28	36
Total da região	128	174
Nordeste		
Alagoas	6	12
Bahia	126	181
Ceará	19	32
Maranhão	13	18
Paraíba	16	25
Pernambuco	38	57
Piauí	8	10
Rio Grande do Norte	11	20
Sergipe	7	11
Total da região	244	366
Norte		
Acre	7	10
Amapá	1	1
Amazonas	4	8
Pará	32	47
Rondônia	11	14
Roraima	1	2
Tocantins	7	12
Total da região	63	94
Sudeste		
Espírito Santo	38	68
Minas Gerais	386	633
Rio de Janeiro	74	137
São Paulo	415	712
Total da região	913	1.550
Sul		
Paraná	130	222
Rio Grande do Sul	73	106
Santa Catarina	43	83
Total da região	246	411
Total geral	1.594	2.595

Base: marcas coletadas nos últimos cinco anos.
Fonte: Abic.

de sacas de 60kg anuais de café cru. O solúvel representa pouco mais de 4% do total.

Os dados mostram a extrema importância do mercado doméstico e o grande potencial de demanda oferecido pelo segmento.

Distribuição geográfica

As indústrias de torrefação e moagem estão distribuídas por todas as unidades federativas, embora mais concentradas em torno das produtoras de matéria-prima e dos grandes centros metropolitanos.

Essas indústrias têm forte participação de organizações familiares de porte pequeno, enquadrando-se na categoria de micro e pequena empresas. Apesar da estrutura pulverizada, a indústria do café torrado e moído representa um faturamento superior a R$2,5 bilhões, com 23 mil empregos diretos e recolhendo impostos da ordem de R$300 milhões.

A popularidade do produto, a simplicidade do processo industrial e o baixo investimento de instalação permitiram um crescimento bastante alto do número de torrefações – 1.593 cadastradas em abril de 1998, 57% das quais na região Sudeste.

Café: mercado interno e principais importadores em 1997

Em 1.000 sacas 60kg

Países	*Volume*	*Em %*
Alemanha	2.683	11,8
EUA	2.206	9,7
Itália	1.406	6,2
Japão	1.207	5,3
Bélgica/Luxemburgo	820	3,6
Argentina	618	2,7
Suécia	556	2,4
Espanha	488	2,1
França	488	2,1
Grécia	460	2,0
Eslovênia	399	1,7
Total maiores importadores	11.331	49,6
Brasil	11.500	50,4
Total geral	22.831	100,0

Fonte: Abic.

Brasil: consumo interno de café

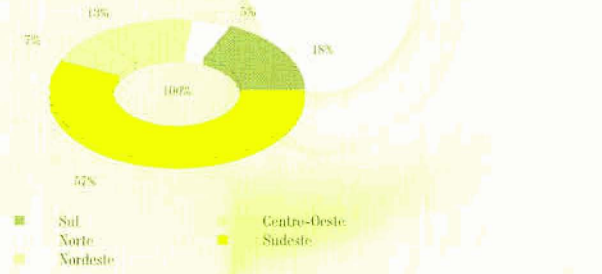
Em sacas de 60kg



Brasil: evolução do consumo interno de café

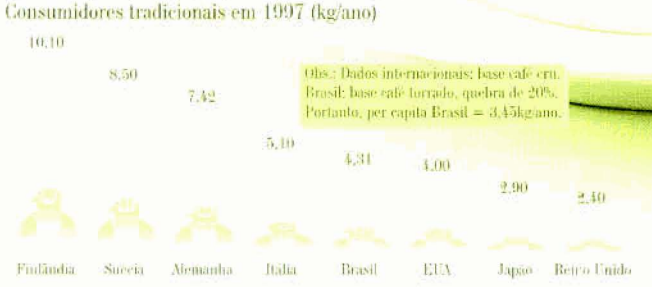


Brasil: consumo total de café



Consumo *per capita*: o Brasil e o mundo

Consumidores tradicionais em 1997 (kg/ano)



Brasil: industrialização total de café



Brasil: consumo interno de café

Status	*Empresas*	*(%)*	*Volume/mês*	*(%)*	*Volume/ano*	*(%)*
Empresas cadastradas	1.593	99	818.865	83	9.826.380	83
Consumo não cadastrado			133.114	13	1.597.368	13
Total café torrado/moído	1.593	99	951.979	96	11.423.748	96
Café solúvel	11	1		4	480.000	4
Total geral	1.604	100	991.979	100	11.903.748	100

Base do número de empresas através das coletas efetuadas no Paic – Selo de Pureza 1993/98.

Industrialização e consumo

O consumo interno total equivalente em sacas de café cru atinge 11,9 milhões de sacas/ano, 480 mil (4%) de café solúvel e 11,4 milhões de sacas relativas ao café torrado e/ou moído. O volume referente ao torrado e/ou moído representa um consumo *per capita* médio nacional de 3,45kg/ano, cálculo feito com base em café industrializado. No caso do café verde, o índice sobe para 4,31kg/ano.

Uma característica importante relativa ao consumo do café no Brasil diz respeito a sua sazonalidade, que na média nacional apresenta um volume superior no inverno e menor no verão. Principalmente no país essa variável afeta diretamente a industrialização, e as oscilações e desvios em relação ao consumo são diferentes para cada região geográfica ou estado.

Razão direta

As características próprias de cada região unidas aos níveis de renda e população se refletem diretamente no consumo local. A industrialização do café torrado e moído está na razão direta das empresas instaladas nos estados e de seus volumes de produção e comercialização. A combinação dos dois fatores propicia excesso ou falta da produção necessária para suprir o consumo.

E-mail: roger@fgv.br

FEIJÃO

Reversão possível

As previsões dão conta de que 1999 será um ano difícil, mas a produção da terceira safra pode reverter as expectativas

ADRIANO VENDETH DE CARVALHO

Em maio do ano passado os preços do feijão ao produtor chegaram aos maiores níveis desde o início da década. A saca de 60kg do feijão em cores teve seus preços fixados em R$77,00 no Paraná, R$117,00 em São Paulo, R$111,00 em Goiás e R$91,00 no Nordeste. O ano de 1998 significou o auge dos preços do feijão para o produtor, embora nem todos tivessem aproveitado os bons preços, pois o prejuízo na atividade em 1997 fez com que muitos deixassem de plantar no ano seguinte. Só em Goiás, a queda do número de produtores em 1998 foi de cerca de 15%, com uma área plantada 20% menor.

Já o mês de maio de 1999 fechou por enquanto com os menores preços desde 1990. Os preços médios da saca 60kg do feijão em cores ficaram em R$25,57 no Paraná, R$39,00 em São Paulo e R$ 31,50 em Goiás, o que significou para o estado um decréscimo de15,5% em relação ao mesmo período de 1997.

Ano difícil

Com o nível de suprimento interno compatível com o consumo anual praticamente estável de 2,95 milhões de toneladas, não é difícil prever que 1999 será mais um ano difícil para o produtor, com preços já chegando ao mínimo da garantia do governo em praticamente todas as regiões.

Devido ao breve término da oferta de parte da segunda safra nacional, proveniente principalmente de regiões de Rondônia, Goiás, Minas Gerais, São Paulo, Paraná e Santa Catarina, o mercado permanecerá concentrado na influente segunda safra tardia do Nordeste (de junho a agosto) e no plantio da terceira safra nacional de inverno, que é colhida e ofertada até o fim de outubro.

A princípio, há um mercado interno praticamente sem entressafra. Em condições climáticas estáveis e normais, pode haver oferta de feijão durante todo o ano de 1999.

Para o Nordeste, estima-se uma produção anual em torno de 823 mil toneladas, 98% acima do resultado do ano passado, mas um valor ainda abaixo da média de produção da região (mais de 1 milhão de toneladas). No momento não há qualquer fator climático que permita modificar a informação.

Redução mínima

Os baixos preços recebidos pelos produtores entre abril e junho deste ano deverão projetar uma redução mínima em torno de 16,8% na área plantada de terceira safra. Embora responsável por pouco mais de 8% da safra nacional, a terceira safra definirá juntamente com a produção do Nordeste os preços até o fim do ano. Para ela, estima-se inicialmente então um volume produzido cerca de 18% inferior ao do ano passado, ou seja, 288 mil toneladas (sempre considerando produtividades normais, sem problemas climáticos). Chega-se, assim, a uma produção nacional total de 2,8 milhões de toneladas em 1999 (ver tabela).

Com a área plantada no Nordeste e os demais levantamentos de produção de primeira e segunda safras regionais praticamente definidas (consideradas as quebras de safra no Sul e Centro-Oeste do país), pode-se es-